

A PROFISSÃO DOCENTE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES INICIANTE DA UFPE

MarcellaThaiane de Lima Silva¹

Laêda Bezerra Machado²

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as representações sociais da profissão docente construídas por professores universitários em início de carreira na UFPE, destacando os consensos e variações dessas representações. Adotamos como referencial a Teoria das Representações Sociais, na perspectiva societal, protagonizada por W. Doise. Participaram da pesquisa 34 professores em início de carreira na UFPE. Para coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada. A análise de conteúdo orientou a organização dos dados. Os resultados sinalizaram um consenso representacional em torno do ser professor como algo positivo e interessante. Foram discretos os dissensos. Os professores demonstraram motivação para permanecer na carreira, buscam a estabilidade e o "status" oferecido pela docência universitária.

Palavras-chave: Professores iniciantes. Representações Sociais. Profissão docente.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda as representações sociais da profissão docente de professores colaboradores ou substitutos iniciantes na carreira na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A ideia de estudar a profissão docente, a partir da Teoria das Representações Sociais, surgiu das vivências no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e da inserção no grupo de pesquisa "Representações Sociais e Educação". Além disso, o estudo toma por base inquietações relacionadas ao trabalho dos professores que tivemos no curso de graduação.

Durante o percurso formativo, foi comum termos, como professores, docentes em início de carreira, colaborador ou substituto e, em várias ocasiões, alguns deles sinalizarem os desafios da carreira docente. Na convivência diária com eles

¹ Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação – UFPE e-mail: marcellalimas2@gmail.com

² Profa. do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional - Centro de Educação (UFPE). e-mail: laeda01@gmail.com

deixavam vir à tona suas expectativas, ansiedades, dilemas e certa insegurança no exercício da profissão. Entre as principais dificuldades percebidas, podemos mencionar: a gestão do tempo pedagógico em sala de aula, o lidar com a heterogeneidade de saberes dos alunos, os modos de avaliação dos estudantes e além de limites para equilibrar postura e prática docente. Mais adiante, no PIBIC, detectamos que essas dificuldades são comuns aos iniciantes na docência. A escolha por professores nesse estágio de iniciação profissional nos levou a realizar uma revisão de literatura sobre esses profissionais.

1.1. A produção científica sobre o docente em início de carreira

Na busca por essa produção, recorremos às publicações da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação (ANPED) e ao Banco de Dissertações e Teses da Capes que abordaram a temática. Como critério para a localização dos trabalhos, consideramos aquelas produções que apresentassem em seus títulos expressões como: "professores iniciantes", "início de carreira" e "iniciação à docência universitária".

Constatamos que, na ANPED, no período de 2005 a 2007, foram publicados 14 trabalhos. O material foi localizado nos seguintes Grupos de Trabalho (GT): 04, 08, 11, 14 e 20, os quais correspondem, respectivamente, aos GT de Didática, Formação de Professores, Política de Educação Superior, Sociologia e Psicologia da Educação.

Os trabalhos enfocaram os processos constitutivos da prática do professor iniciante, seus saberes, a socialização profissional, as dificuldades e os dilemas encontrados na fase inicial do desenvolvimento profissional.

No tocante ao professor iniciante da educação superior, foram encontrados quatro trabalhos. O primeiro deles focaliza os desafios do processo de iniciação à docência universitária; o segundo analisa o ingresso na docência universitária; o terceiro se refere a um estudo das representações de pós-graduandos de instituições federais sobre a docência no Ensino Superior; o quarto trabalho buscou compreender os limites e as possibilidades de tornar-se professor do Ensino Superior.

No banco de teses da Capes, o total de pesquisas encontradas nos últimos três anos envolveu um conjunto de 16 estudos, sendo 15 com docentes de educação básica e um na educação superior. Dos trabalhos sobre iniciantes na Educação

Básica, cinco estudos tomaram a prática como referência; três abordam a socialização docente; dois tratam os saberes de iniciantes na profissão; dois trataram das impressões, dilemas e percepções dos professores no período de iniciação profissional; um estudo destacou as contribuições da iniciação científica na docência e dois se referem à formação do professor em período de iniciação. O único estudo sobre docentes iniciantes na educação superior se referiu a professores tutores em uma instituição privada.

De modo geral, os estudos localizados que versaram sobre professores iniciantes, nos ajudaram a compreender que esses profissionais enfrentam dilemas, provenientes de um choque de realidade, por isso o período inicial do exercício de trabalho, nesse nível de ensino, é um momento complexo que merece atenção por parte das instituições.

A ausência de produções que enfatizam o início da docência na educação superior nos leva a admitir a relevância deste trabalho. Frente ao exposto, centramos esta pesquisa na seguinte questão: **Quais as representações sociais da profissão docente construídas por professores universitários temporários em início de carreira?**

Abordar o início da carreira docente no espaço da UFPE constituiu uma forma de dar maior visibilidade ao trabalho desses profissionais. Entendemos que, ao investigar as representações sociais que esses docentes construíram da profissão, colocamos em evidência o papel dos elementos simbólicos para a construção das práticas desses profissionais na universidade.

2. OBJETIVOS

Geral - Analisar as representações sociais da profissão docente construídas por professores universitários em início de carreira, destacando os consensos e as variações dessas representações.

Específicos

- Identificar os sentidos atribuídos à profissão docente pelos professores iniciantes da UFPE;
- Caracterizar o trabalho docente dos iniciantes no interior da UFPE, destacando as agruras e delícias da docência;
- Indicar expectativas dos docentes iniciantes para com a profissão.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Os objetivos da pesquisa demandaram uma fundamentação teórica que contemplasse as categorias teóricas: Professor Iniciante; Representações Sociais e Profissão Docente.

3.1. Professores Iniciais: algumas considerações

A literatura mostra que a carreira docente evolui em estágios que vão de uma fase “de exploração” a “de estabilização”. A primeira consiste no momento em que se faz a opção, se inicia, experimenta e assume papéis. Se essa fase inicial for positiva, segue-se à outra que diz respeito à ênfase no domínio das diversas exigências do trabalho, na procura de um setor de focalização ou de especialização. Huberman (1995) afirma que há pessoas que cedo se “estabilizam” na profissão, outras que o fazem mais tarde, outras que não o fazem nunca e outras ainda que vivenciam estágios de regularidade e irregularidades, ou seja, estabilizam para se desestabilizarem em seguida.

Há um grande número de estudos que se referem à profissão docente e aos três primeiros anos da carreira. Autores, como Fuller (1969) e Field e Watts (1980), tratam sobre uma sequência das fases da carreira do professor. Falam de dois estágios: o da sobrevivência e o da descoberta. O primeiro refere-se ao “choque do real”, quando há o confronto entre o profissional e a complexidade da situação profissional, ou seja, a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aula. O segundo estágio traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade, por se sentir parte de um determinado corpo profissional, ambos os estágios são vividos em paralelo e é o segundo que permite aguentar o primeiro.

A fase de estabilização, segundo Huberman (1995), envolve uma escolha subjetiva (comprometer-se) e um ato administrativo (nomeação oficial), mediante essa articulação, os profissionais “passam a ser” professores aos seus olhos e aos olhos dos outros. Em estudos biográficos desenvolvidos pelo autor, os professores relacionam a estabilização à “libertação” e à “afirmação” pedagógica. A fase de estabilização está ligada ao sentimento de “competência”. Nessa fase, o docente sente-se mais confortável e confiante para enfrentar situações complexas e inesperadas, possui maior flexibilidade e segurança na gestão da turma.

A fase da diversificação constitui uma consequência da de estabilização, nesse estágio o professor está mais confiante para vincar a sua identidade e seu impacto, com isso há uma série de experiências pessoais, diversificando o material didático, o modo de avaliação, etc. Os professores, nessa fase da carreira, possuem um perfil mais motivado e dinâmico, buscando novos desafios. (HUBERMAN, 1995)

No Brasil, Lima e col. (2006) demonstraram que é possível, numa época de desvalorização do trabalho docente, enxergar a complexidade do que vivenciam os professores iniciantes, bem como os meios de superação dos dilemas por eles encontrados. A obra a que nos referimos consiste em um conjunto de relatos de pesquisas acadêmicas sobre o ingresso dos professores na carreira docente. As experiências compartilhadas auxiliam na reflexão sobre o processo de aprendizagem no início da docência e contribuem para se avaliar alguns elementos subjacentes a esse processo.

3.2. Profissão docente: aproximações com a literatura

O conceito de profissão pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, dependendo do objeto de estudo. Para compreender a "profissão" é pertinente delinear o que a diferencia das demais atividades. Espíndola (2014) afirma que, ao longo da história, o reconhecimento de uma profissão acontecia a partir do saber público reconhecido. Assim, a noção de ofício aparecia como algo apenas para aprendizes de artesãos. Já a ocupação, seria uma forma mais genérica de organizar o trabalho. Roldão (2005) salienta uma série de elementos que permitem diferenciar uma profissão de outras atividades. Como elementos que distinguem uma profissão destaca: saber específico, especificidade da função, poder de decisão e pertença a um corpo coletivo. Ou seja, o que diferencia uma profissão das demais é o tipo de saber de cada uma.

Segundo Tardif (2002), o saber dos professores é um saber social e está relacionado à sua identidade, à experiência de vida, à história profissional, às suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores sociais. Ele é social porque é partilhado por um grupo de professores que tem formação comum e trabalham em uma mesma instituição. Acrescenta que o saber do professor é incorporado, modificado, adaptado de acordo com momentos de sua carreira, ao longo de seu desenvolvimento profissional. Para o autor, o saber do professor está situado na interface entre o individual e o social, entre o ator e a estrutura.

Espíndola(2014)salienta três abordagens sociológicas de profissão: funcionalista, interacionista e abordagens do poder.A abordagem funcionalista contempla, em seu contexto, um conjunto de proposições sobre o comportamento social dos profissionais. Essa abordagem tem auxiliado a compreender a função social de uma profissão, bem como seus atributos. Convém dizer que, nessa perspectiva funcionalista, a docência é considerada como uma semiprofissão devido à burocratização e à baixa origem social.

Na abordagem interacionista,os ofícios são considerados profissões.Sobre as abordagens do poder (neoweberianas e neomarxistas), essas últimas põem ênfase na capacidade de uma ocupação para que se conservem os direitos e privilégios.

Weber (2003) aponta os elementos que caracterizam a docência como profissão. São eles: a intervenção do Estado, pois a legislação educacional é tomada como objeto; a jurisdição, que é posta como exclusividade da prática profissional por um determinado grupo de profissionais; o estabelecimento de agência formadora (as instituições); a fundação de associações, que se tornaram entidades representativas dos docentes e a criação de organizações, como uma forma de mobilização de grupos profissionais. Segundo a referida autora, estes constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento da profissão docente, indicadores importantes da passagem de uma ocupação para uma profissão.

A profissão é uma ação humana, de cunho histórico e social, que se distingue pelo nível de conhecimento específico requerido, saberes especializados, poder de decisão, controle e pertença a um corpo coletivo. (ROLDÃO, 2005)

O que caracteriza uma profissão é o fato dela ser considerada uma comunidade em que seus componentes são ligados pela identidade, partilham sentidos comuns e saberes indispensáveis ao desenvolvimento da atividade ligada à sua natureza. (ESPÍNDOLA, 2014)

Nesta pesquisa, centramos a preocupação nos docentes iniciantes por entender que eles estariam se inserindo na profissão.

3.3 Representações sociais: a abordagem societal

As representações sociais são explicações e afirmações que se originam no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais. Elas constituem uma versão contemporâneo senso comum, um saber prático elaborado e partilhado no grupo

social, que orienta a interpretação do mundo. Referem-se aos sentidos atribuídos pelos sujeitos a um objeto ou fenômeno.

É importante salientar que, ao longo de 50 anos de história, a Teoria das Representações Sociais (TRS) tem se ocupado de estudar objetos de diferentes áreas que dessa teoria surgiram desdobramentos. Destacam-se, além da abordagem original liderada por Moscovici, aperfeiçoada por Jodelet, duas outras abordagens: a estrutural e a societal.

Esta investigação adota a TRS na perspectiva societal, proposta por Doise. O estudo se filia a esse referencial devido à natureza do objeto, ou seja, como os grupos de professores iniciantes representam a docência. Para Doise (1972), o conteúdo das representações sociais depende das relações que os grupos estabelecem entre si e com os objetos. O autor busca articular o individual com o coletivo, vincula explicações de cunho individual às de ordem societal. Desse modo, a abordagem societal articula o individual ao coletivo, almeja interligar explicações de ordem individual com explicações de ordem societal, salientando que os processos pelos quais os indivíduos dispõem, para funcionar em sociedade, são guiados por dinâmicas sociais.

Doise e colaboradores definem o estudo das representações sociais como “a análise das regulações efetuadas pelo metassistema das relações sociais simbólicas nos sistemas cognitivos individuais”. Convém dizer que a articulação dos quatro diferentes níveis de análise (individual, interpessoal, grupal e societal) foi particularmente investigada por Doise e colaboradores, na década de 70, em estudos sobre as relações intergrupais.

Doise (2002) mostra, a partir dos estudos sobre estereótipo, da categorização e da polarização coletiva, “a necessidade e o interesse de se estudar as dinâmicas representacionais exatamente onde elas se produzem, ou seja, no contexto das relações sociais, sendo estas justificadas e antecipadas por aquelas” (p.728).

O conteúdo das representações depende das relações entre os grupos, na medida em que serve para justificar certo modo de encadeamento das relações, mantendo, ao mesmo tempo, a especificidade e a identidade de cada grupo.

A abordagem societal, vertente defendida por Doise, articula explicações de ordem individual e societal enfatizando que os processos pelos quais os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são guiados por dinâmicas sociais.

Almeida (2009) explica o paradigma das três fases, ou abordagem tridimensional, para o estudo das representações sociais. Pontua que, para elaborar esse modelo metodológico, Doise se inspirou na obra inaugural de Moscovici e constitui uma resposta crítica aos estudos que se limitam a identificar o que há de consensual nas representações. Nesse sentido, considera três hipóteses/fases. Na primeira delas, destaca o compartilhamento de crenças comuns entre diferentes membros de uma população sobre determinados objetos, o que implica na identificação dos elementos dessa base comum e a forma como se organizam.

A segunda hipótese refere-se às diferenças e heterogeneidade nas tomadas de posições e representações sobre um mesmo objeto. Trata-se do estudo de explicação do como e porque os indivíduos se diferenciam e suas representações variam individualmente. A terceira hipótese considera que as representações *“além de exprimirem um consenso entre indivíduos, marcado por certas modulações ou oposições individuais, são também caracterizadas por ancoragens das tomadas de posição em outras realidades simbólicas coletivas”*(ALMEIDA, p728,2009). Nessa fase, a ênfase dos estudos está na ancoragem das diferenças individuais. A autora conclui afirmando que a abordagem permite identificar os eixos ou fatores gerais que organizam uma representação social.

Convém reiterar que, para Doise (2002), o conteúdo das representações é influenciado pelas relações que se estabelecem no interior dos grupos, está relacionado às crenças, aos valores e às aspirações dos sujeitos. Salientamos que os sujeitos desta pesquisa estão vinculados a grupos diferentes, pois possuem formação acadêmica variada, além disso, dispõem de distintos níveis de formação acadêmica e atuam em diferentes cursos e Centros da UFPE. Tendo em vista essas variáveis, supomos que elas podem influenciar as representações sociais da profissão.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa filiou-se à perspectiva qualitativa. Para Minayo(1994), essa abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos.

Contamos com a participação de 34 professores de diferentes áreas na condição de temporário(substituto) na UFPE. A escolha pelo trabalho com professores das diversas áreas decorreu do interesse em verificar se há

semelhanças e diferenças no modo como os docentes representam a profissão docente. Para a escolha dos participantes, adotamos como critério ser sua primeira experiência com professor no ensino superior.

O campo empírico foi UFPE-Campus Recife. A escolha desse lócus surgiu de nossas inquietações em torno dele, acumuladas desde os períodos iniciais do curso de Pedagogia, espaço em que tivemos contato com professores em início de carreira de diferentes disciplinas, particularmente, assumindo a condição de substituto³.

Para a coleta de dados utilizamos entrevistas, que, de acordo com Duarte (2005), permitem explorar e aprofundar os assuntos que são do interesse do pesquisador. A entrevista constituiu um instrumento adequado para recolha das informações nesta pesquisa, porque permitiu obter uma gama de ideias, opiniões, informações por meio da fala individual de cada sujeito. De acordo com Moscovici (1978), nas conversas circulam valores que possibilitam o pesquisador aproximar-se do simbólico.

Para a obtenção dos dados da pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevistas com (seis) questões que contemplaram os seguintes aspectos: o que pensam sobre a profissão docente; modo como se organizam para desenvolver o trabalho com as turmas; como os docentes se sentem na instituição; apoio para desenvolvimento da docência; aspectos que estimulam e desanimam o trabalho e as perspectivas para a carreira docente.

O andamento do trabalho de campo não sofreu interrupções. Em uma primeira aproximação com os Centros, foi apresentada aos secretários de departamentos uma carta de encaminhamento, na qual estavam explícitos os objetivos da pesquisa e a solicitação de indicação de docentes em início de carreira, na condição de temporários, que pudessem colaborar com o estudo.

Após esse contato foram disponibilizados os e-mails dos professores que atendiam aos critérios da pesquisa. Lembramos que alguns departamentos, como os do CAC, CTG e CCS, foram mais reticentes para disponibilizar os e-mails. No geral, outros centros, como CFHC, CE e CCSA, CCB, foram mais abertos para ceder essas informações.

³ Na introdução deste trabalho, indicamos o nosso interesse por pesquisar esse grupo. Reconhecemos ainda sua importância no cenário da UFPE pelo número de docentes que participaram de nossa formação na UFPE. Nos cinco anos de curso, tivemos quinze docentes temporários.

Para chegarmos aos docentes, fizemos um contato por e-mail, no qual se convidava para participar da pesquisa, além de serem explicitados seus objetivos e o modo como seria conduzida a investigação. Mediante um retorno positivo, fazíamos o agendamento das entrevistas. Na tabela 1, a seguir, apresentamos o nº de participantes por centro acadêmico da UFPE.

Tabela 1: Nº de participantes por Centro da UFPE

Centro	f	%
Centro de Educação (CE)	10	29.4
Centro de Artes e Comunicação (CAC)	02	5.8
Centro de Filos. e Ciênc. Humanas (CFCH)	03	8.8
Centro de Tecnologia e Geociências (CTG)	07	20.5
Centro de Informática (CIN)	01	2.9
Centro de Ciências Sociais e Aplicadas (CCSA)	01	2.9
Centro de Ciências da Saúde (CCS)	06	17.6
Centro de Ciências Biológicas (CCB)	04	11.7
Total	34	100

Durante o trabalho de campo, o contato com os professores foi bem sucedido, muitos deles nos indicavam para outros colegas de trabalho que atendessem aos critérios da investigação. As entrevistas aconteceram nas datas, horários e locais mais convenientes para os participantes, em geral, nos seus centros de atuação. As entrevistas foram gravadas com a anuência prévia dos sujeitos, não havendo restrição da parte deles. O tempo das entrevistas variou em função do interesse e envolvimento do docente. Os entrevistados do CTG mencionaram que as questões eram subjetivas demais e que seriam mais diretas. As entrevistas com esse grupo duraram, no máximo, cinco minutos. Os demais sujeitos, especialmente os com formação em cursos de licenciatura, falaram mais e as entrevistas duraram de 20 a 30 minutos. Após sua realização, cada entrevista foi transcrita na íntegra pela própria pesquisadora.

4.1. Caracterização do grupo pesquisado

O conjunto de participantes dessa pesquisa é heterogêneo. Em relação à formação, são professores temporários provenientes de diferentes áreas e cursos. Das engenharias, tivemos participação de graduados em Civil, Mecânica e de Minas. Da saúde, tivemos a participação de profissionais com graduação em: Odontologia, Fonoaudiologia, Psicologia, Nutrição e Fisioterapia. Tivemos ainda professores provenientes das licenciaturas em: Ciências Biológicas, Letras, Pedagogia e História. O tempo de serviço como professor do grupo era variado. Participaram desde professores com três semanas de atuação aqueles com até dois anos de experiência.

Dos 34 sujeitos, 21 deles são do sexo feminino e 13 são do sexo masculino. No tocante à faixa etária, 18 sujeitos têm idades concentradas entre 23 e 29 anos de idade. Os demais participantes apresentaram idades variadas, sendo que 13 deles se situavam na faixa etária entre 30 a 39 anos; 02 estavam na faixa dos 40 a 47 anos. 01 dos participantes não declarou sua idade. A formação em pós-graduação do grupo também era variada, embora predominasse a formação em mestrado. Do grupo, 14 sujeitos já haviam concluído esse curso; 01 docente era especialista; 02 professores cursavam o mestrado; 13 cursavam o doutorado e 04 já eram doutores. Os entrevistados atuam como docentes nos diferentes turnos: manhã, tarde e noite. Todos os pesquisados ministravam no mínimo duas disciplinas por semestre letivo.

4.2. Procedimento de análise dos dados

Para tratamento do material coletado, tomamos por base a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2006). Adotar esse suporte analítico implica interpretar informações, apreendendo e refinando seus significados. Com essa ferramenta, os dados são organizados e dispostos em categorias. Cabe ao pesquisador elaborar inferências sobre o material em análise.

Existem variadas formas de organização de categorias, nesta pesquisa os dados foram organizados em categorias temáticas. Esse tipo de análise:

[...] consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivação de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas individuais ou de grupo, podem ser e são frequentemente analisadas tendo o tema por base (BARDIN, 2006, p. 99)

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas entrevistas, primeiramente, procuramos caracterizar os elementos comuns, em seguida tentamos mostrar alguns dissensos das representações sociais. Elaboramos quatro categorias: **Ser professor na atualidade; Trabalho docente na UFPE; Delícias e agruras da docência e Perspectivas em relação à carreira.** Explicitamos os conteúdos contidos de cada uma, a seguir.

5.1. Ser professor na atualidade

Esta categoria contempla elementos, como: ser mediador entre o conhecimento que ensina e os estudantes, estar sempre estudando e buscando novos conhecimentos, contribuir para formar profissionais cidadãos.

Nas colocações dos participantes foi consensual o ser professor como mediar, intermediar e construir conhecimentos. Destacam essa relação entre a docência, o aluno e o conhecimento. Algumas de suas falas ilustram esse campo comum:

[...] a profissão docente ela tem a finalidade de produzir e divulgar conhecimento e o professor é um facilitador ele vai aproximar o conhecimento do aluno buscando técnicas e através de suas práticas pedagógicas... (Nicolas⁴- CCB)

[...] professor é um papel de intermediário do conhecimento entre os alunos nesse conhecimento. [...] É mais ser um intermediário ..(Manuela- CFCH)

[...] envolve experiência de ter conhecimentos teóricos produzidos sendo construídos...Construí-los da melhor forma com os alunos. (Ricardo-CAC)

[...]ter uma relação interpessoal e esse é o grande desafio entre você e o aluno. Você sai daquele pedestal de ser detentor do conhecimento e você vê o quanto o aluno aprendeu com você. (Gustavo-CCB)

[...] aquele que facilita o aprendizado dele de alguma forma então pra mim professor é aquele que ajuda a construir o conhecimento... Então, o professor aprende com o aluno também.. (Licia-CFCH)

[...] você será uma ponte para o conhecimento , não apenas um referencial de verdade absoluta (Bruno-CCB)

[...] ser professor seria oportunizar os estudantes a refletirem a pensarem sobre os diferentes conceitos e conteúdos e a realizarem conexões com seu dia a dia... (Aline-CE)

⁴Para preservar a identidade dos sujeitos utilizamos um nome próprio fictício seguido da sigla do centro acadêmico da UFPE onde o sujeito exerce a docência.

[...] não é só rebater conteúdo, mas se preocupar com o desenvolvimento dele com relação às percepções e deles... (Maria-CCS)

Outro elemento compartilhado em relação ao ser professor é a necessidade de dedicação ao trabalho, de estarem aprendendo, buscando e renovando os conhecimentos. Eis alguns trechos em que fica evidente esse elemento:

[...]é ter uma dedicação exclusiva ao estudo então eu sempre tem que tá estudando pra renovar pra tá levando novos conteúdos para sala de aula. (Letícia-CTG)

Eu me organizo sempre da melhor forma [...] a gente se prepara bem fica muito mais efetivo o trabalho e o aluno no Centro sente quando a gente se prepara(Suely-CIN)

[...] é está sempre se aperfeiçoando [...] pra poder repassar para as pessoas (Gisele-CAC)

Eu vejo os textos, faço a leitura, eu me preocupo em atualizar, modifico o que tava no cronograma, toda essa preocupação pra sempre estar me atualizando. (Roberta-CE)

Constitui outro elemento de consenso nas entrevistas o “ser professor na atualidade” como contribuir para formar profissionais e ao mesmo tempo cidadãos. Eis alguns trechos:

É contribuir para a formação de novos engenheiros e cidadãos. (Lucas-CTG)

Significa oportunidade de aprendizado além da gente poder contribuir para a formação do sujeito (Henrique-CTG)

Os consensos em torno do ser professor organizados nessa categoria se aproximam do que é posto na literatura sobre os aspectos inerentes a uma profissão. Para Espíndola (2014), o que caracteriza uma profissão é o seu reconhecimento por uma comunidade de que seus componentes possuem uma identidade, partilham sentidos comuns e saberes indispensáveis ao desenvolvimento de uma atividade. Essa mesma autora, baseada em Roldão (2005), salienta uma série de elementos que permite diferenciar uma profissão de outras atividades, como o saber específico, a especificidade da função, o poder de decisão e a pertença a um corpo coletivo.

As variações em torno do que é ser professor foram localizadas tomando por base o centro acadêmico onde o sujeito atuava como docente. Desse modo, constatamos que professores do CCB e CCS enfatizam mais a transmissão dos conteúdos como ponto forte do ser professor na atualidade.

É tentar sempre buscar conhecimentos novos pra passar pros alunos...(Emilly-CCS)

Ser professor pra mim e você compartilhar o conhecimento adquirido...(Cecilia- CCB)

[...] a gente tem que passar o conhecimento a diante ensinar o certo ensinar... (Luisa-CCS)

5.2. Trabalho docente na UFPE

Esta categoria reúne os seguintes elementos: acolhimento e apoio por parte dos colegas professores mais experientes e dos próprios orientadores; trocas entre pares ou colegas que também estão na função de substitutos e preocupação com a organização e a sistematização prévia do trabalho pedagógico.

Constituiu um campo comum entre as falas de todos os participantes a preocupação com a organização prévia das aulas, o diálogo com os colegas mais experientes e o reconhecimento do apoio desses colegas. Ressaltam os sujeitos que alguns deles fizeram orientações e deram noções de como trabalhar na educação superior. Em geral, compartilham em suas falas impressões positivas do trabalho que desenvolvem na instituição. Eis alguns trechos das falas que ilustram essas impressões positivas do grupo:

Encontrei apoio na docência principalmente com os professores com qual divido a sala. Até mesmo da professora que eu substituí ela me ajudou muito então os antigos também dão vários conselhos pra que eu possa conduzir da melhor forma. (Virgínia-CCS)

Olha os professores efetivos me deram assim nas conversas mais ou menos uma noção de como trabalhar. (Luisa-CCS)

[...] recebi bastante apoio de professores daqui principalmente do meu orientador que me deu várias dicas de planejamento de aula execução e da relação com os alunos. Eu preparo minhas aulas com bastante antecedência, procuro verificar o meu planejamento faço a leitura dos textos, seleciono o que há de melhor e sempre observo na ementa as direções para a disciplina. (Lucas-CTG)

Encontro apoio de professores que eu já tive e que ainda hoje me orientam, professores que eu tive na graduação, na pós-graduação, que dizem que qualquer coisa que precisar conte comigo. Às vezes eu tenho dificuldade de encontrar algum livro. Conto com o apoio deles para responder meus questionamentos[...]Tenho amigos que são professores substitutos, então nós trocamos idéias de como fazer avaliação de uma turma que tem tal perfil, [...] informações(Gisele- CAC)

Eu estou aqui na instituição desde a graduação, especialização mestrado e doutorado então aqui no meu departamento de anatomia conheço todas as pessoas, professores, então é um ambiente rico pra trocar experiências e é muito aconchegante (Gustavo-CCB)

Na UFPE eu encontrei sim apoio desde o mestrado os professores [...] hoje eu tenho o apoio de alguns professores sim inclusive contribuem muito com as minhas aulas.(Julio- CE)

Encontrei na UFPE apoio, mas, também fui em busca de muitos materiais, de livros, sites a secretaria também ajuda. O contato com os professores também ajudou muito.(Ellen- CCSA)

Pra gente que é professor e esta chegando agora na universidade, estamos conhecendo a instituição agora, muitos trabalhos a serem feitos no início do semestre,mas é possível desenvolver um bom trabalho.(Suely-CIN)

Meu departamento me dar um apoio interessante de secretaria ,de materiais, professores dos quais eu assumi a disciplina me deram apoio então está sendo a experiência é bem interessante. Então aqui eu encontrei apoio nos professores e demais colegas de departamento. (Manuela-CFCH)

De forma geral, os entrevistados se sentem acolhidos pelos professores mais antigos na profissão e demais colegas de departamento. Afirmaram que, quando sentem dúvidas ou não conseguem ter acesso a algum material didático ou livro, recorrem aos colegas professores efetivos que costumam ser solidários, emprestam materiais. Frente à rotina corrida que enfrentam, procuram, dentro do tempo de que dispõem, compartilhar planejamentos de aulas ou socializar experiências exitosas que desenvolveram em sala de aula com o público universitário.

Assim, os docentes iniciantes demonstraram reconhecer o apoio dos demais colegas mais experientes e de colegas que também estão na condição de temporários. Eles trocam experiências entre si.

O consenso em relação à cooperação entre os iniciantes, seus pares e colegas mais experientes corrobora o que foi constatado por Saia, Maciel e Bolzan (2010) que, ao analisarem o ingresso na docência superior, revelaram que essa inserção se faz numa ambiência positiva, permeada por uma acolhida interpessoal e institucional.

Foi comum entre o grupo participante a preocupação em planejar as aulas o cuidado com a seleção do material de leitura e didático e a obediência às ementas das disciplinas, além de procurarem fazer uso de diferentes metodologias. Eis algumas falas nesse sentido:

[...] eu tenho me organizo melhor então assim eu vejo o plano da disciplina que eu construí, faço a revisão do conteúdo vejo a bibliografia básica, artigos para complementar. Uso apresentação em datashow pra facilitar é da conta do conteúdo da aula, mas eu sempre tô pensando em alguma coisa mais

que eu possa trazer para os alunos [...] preparar atividades procuro instrumentos que fomente mais o debate, vídeos... (Licia-CFCH)

Minhas aulas são planejadas com antecedência baseada em pesquisas de materiais, textos. (Vitor-CE)

[...] organizo o cronograma com pelo menos uma semana de antecedência. Separação de textos, aulas, revisão de conteúdo, muito estudo prévio. (Nicolas-CCB)

Tento trazer dinamismo em sala de aula prepara os materiais de forma mais atrativa possível tento entrar nesse universo deles mesmo pra fazer aprendizado mais prazeroso então eu separo texto de apoio artigos slides (Virgínia-CCS)

Eu faço planejamento desde o início do semestre, planejo a quantidade de aulas, os tópicos que serão abordados os trabalhos, a seleção de artigos é tudo muito feito com antecedência. (Matheus-CTG)

Eu me organizo previamente antes das aulas. Nós temos reuniões prévias no departamento pra discutir questões relacionadas à organização, também em relação a horários as fichas que são produzidas pelos alunos, envio de e-mails pra que eles sempre estejam situados, então eu sempre checo e-mail pra saber se tá faltando alguma coisa pra eles. (Ricardo-CAC)

Eu me organizo sempre da melhor forma inclusive diversificando as teorias e autores em relação a cada assunto (Suely-CIN)

Os professores destacaram nos depoimentos a busca constante pelo conhecimento teórico. Quando esses professores novatos se preocupam em rever a bibliografia básica das disciplinas que lecionam, estudar e aprofundar os conteúdos dos componentes curriculares, mostram que valorizam o saber disciplinar e buscam o domínio dessa competência para mediar o processo de ensino e de aprendizagem ao qual se referiram na categoria anterior.

Sobre as possíveis variações em relação ao trabalho docente na UFPE, entre os grupos de professores pertencentes aos Centros, detectamos que dois professores do CE e CFCH fazem menção à autonomia de que dispõem para desenvolver o trabalho na instituição. Eis o que afirmam:

[...] total liberdade de ação, contanto que cumpra o cronograma, liberdade de atuar na sala de aula dentro da disciplina (Roberta-CE)

Eu me sinto muito bem aqui como docente da UFPE, acredito aqui nesse espaço tenho tido autonomia para trabalhar (Alexandre-CE)

[...] eu me sinto bem dentro da universidade ambiente que me dá autonomia me dá espaço pra trabalhar (Licia-CFCH)

5.3. Delícias e agruras da docência

Nesta categoria elencamos aspectos ligados àquilo que tem dado satisfação e insatisfação no desenvolvimento da docência dos iniciantes na profissão.

Os elementos que expressam aspectos positivos foram tomados como "delícias". Sobre elas, os professores trazem à tona em suas falas: a realização sentida quando os alunos gostam de suas aulas e aprendem os conteúdos; o interesse e a participação dos estudantes; as reflexões pertinentes que fazem sobre os conteúdos; o reconhecimento de que o conteúdo é significativo para a prática na profissão; retorno positivo das aulas e boa relação interpessoal com as turmas. Os trechos, abaixo, se relacionam às delícias da docência:

Quando os alunos estão participando, estão acompanhando, discutindo, tão alargando os horizontes começando a olhar pra coisas que eles não viam ou enxergavam sobre a estrutura funcionamento do sistema educacional. (Roberta-CE)

Me da satisfação o *feedback* dos alunos no retorno, aprendizagem (Nicolas-CCB)

Visualizar no fim do semestre alguns alunos que realmente conseguiram alcançar um bom aprendizado. (Matheus-CTG)

[...] a empolgação de algumas turmas de estarem discutindo assuntos educacionais. Então, minha satisfação na parte do momento que eu discuto essas ações com os alunos quando eles aprendem algo mais sobre política e financiamento da educação. (Roberto-CE)

Tem me dado satisfação ver muitos alunos interessados que já vieram falar comigo e dizer que a disciplina tá interessante que faz o link também outras disciplinas. [...] As discussões são interdisciplinares isso é muito satisfatório [...] ver o esforço do meu trabalho e ver os frutos do meu trabalho de pessoas que depois de debates vem me fazer perguntas no fim da aula é a satisfação por que tiram duvidas, há aprendizado. (Gisele-CAC)

[...] muito satisfeita quando vejo que a turma entendeu um assunto diz que a aula foi boa, que foi aula produtiva, que não foi cansativa, fico feliz quando dizem que gostam da anatomia. (Cecilia-CCB)

No tocante às delícias da docência, as respostas giraram em torno de um núcleo comum: o aluno demonstrar interesse e revelar aprendizagem. Docentes iniciantes das diversas áreas do conhecimento demonstram satisfação quando os alunos conseguem se apropriar do conteúdo debatido nas disciplinas. Referiram-se ainda à participação em sala de aula, articulação do conteúdo que ensina com outros conteúdos/disciplinas e retorno positivo do trabalho.

No conjunto das delícias, localizamos uma pequena variação entre os professores que lecionam no CE. A autonomia de que dispõem para desenvolver o trabalho docente em turmas da universidade. Eis o que revelam os depoimentos a seguir:

total liberdade de ação, contanto que cumpra o cronograma, liberdade de atuar na sala de aula dentro da disciplina (Roberta-CE)

Eu me sinto muito bem aqui como docente da UFPE, acredito aqui nesse espaço tenho tido autonomia para trabalhar (Alexandre-CE)

No tocante às agruras, ou seja, as situações que têm desanimado e desestimulado os professores no início da profissão foram destacadas nas entrevistas: o desinteresse de alguns alunos; infraestrutura precária, falta de equipamentos, laboratórios, materiais de pesquisas; carga horária de trabalho extensa aliada ao cansaço físico e mental. Isso ocorre porque, como mostramos na caracterização do grupo, muitos dos professores são também estudantes de mestrado ou doutorado. Os trechos, a seguir, revelam alguns desses elementos de agruras:

A infraestrutura física da UFPE que não atende às necessidades [...] nem atende às necessidades dos alunos porque nós não temos laboratório suficiente então a gente tem que improvisar bastante (Virginia-CCS)

Tem me desmotivado a carência de estrutura física na UFPE, as vezes preciso exibir algum documentário e não tem o cabo para data show, computador não pega, essas coisas. (Alexandre-CE)

[...]o cansaço principalmente [...] ao mesmo tempo enquanto eu tô dando aula na graduação eu também sou aluno de doutorado e tem que cuidar das minhas pesquisas então a verdadeira adaptação essa rotina acadêmica. (Gustavo-CCB)

Falta de interesse de alguns alunos a falta de estrutura da universidade [...]por exemplo data show quebrados, uso do celular constante em sala (Henrique-CTG)

A falta de participação dos alunos tem desanimado. Quando eles estão ali na sala de aula só pra obter uma presença quando tão conversando lendo mensagem no celular pra mim o pior é a conversa porque tanto atrapalha o desempenho do professor como desempenho do aluno a questão do plágio copiar e colar incomoda bastante quando não entregam. Trabalho pontualmente são negligentes quando eles não mostra muito interesse pela minha prática. (Licia-CFCH)

Foi consensual entre os professores o reconhecimento da precária infraestrutura da universidade como um elemento que tem dificultado o exercício da profissão. Convém dizer que os docentes iniciantes que atuam nas engenharias trazem de forma mais forte um discurso sobre a carência de investimentos em *softwares* e laboratórios necessários à formação de engenheiros e à produção científica na área. Esse consenso está vinculado à realidade vivida pelos professores dentro da universidade.

O desinteresse dos estudantes foi indicado como uma das maiores agruras dos docentes que atuam no CE, que destacaram:

[...] desanima a falta de compromisso de alguns alunos. (Laryssa-CE)

O que desmotiva também é quando o aluno não realiza a leitura dos textos ao longo da disciplina. (Alexandre-CE)

[...] convencer né os estudantes a realizarem as leituras para desempenhar sua tarefa da docência tem sido um desafio. (Aline-CE)

Os docentes iniciantes também ressaltam, como agrura do ser professor, o excesso de carga horária que assumem. Conciliar o excesso de trabalho com as atribuições acadêmicas, enquanto alunos dos programas de mestrado e doutorado é visto como algo desafiador. Destacam:

[...] a quantidade de trabalho é grande. Então pegar cinco disciplinas, dar dez aulas por semana, fora a minha pesquisa, fora os estudos. [...] às vezes extrapola o meu tempo [...] em que entrar na madrugada pra dar conta (Cinthia-CFCH)

[...] a carga horária pesada né do professor (Roberto-CE)

[...] o professor temporário como um dadeiro de aulas, uma carga horária muito grande, não pode fazer pesquisa não pode ter monitor, estamos limitados a dar muitas aulas... (Ricardo-CAC)

Entre dissensos, em relação às agruras, destacamos a fala de um professor do CAC, que lamenta o desinteresse dos alunos que estudam no horário noturno. Afirmou:

Tem me desanimado na docência [...] com muita força é o fato do turno da noite, ou seja, nas pessoas que cursam à noite trabalham o dia inteiro, então chegam na universidade cansados demais então isso pra eles têm sido um empecilho, obstáculo para estudar de fato então tem se tem em alguns centros uma cultura de que às vezes frequentar a universidade apenas por frequentar já é suficiente. Então, alguns alunos não lêem o texto Já chegam com fome , comem em sala de aula, então coloca sempre o trabalho em primeiro lugar então eles não têm envolvimento com pesquisa acadêmica, extensão e monitoria. (Ricardo-CAC)

Outra variação no que tange às agruras foi identificada entre participantes que atuam no CCS. Elas mencionaram a baixa remuneração dos professores substitutos e curto tempo de duração do contrato.

O que mais desanima são as burocracias. Eu acho também que o salário de efetiva é bem maior do que o que nós temos como substitutos (Luisa-CCS)

O salário do professor substituto é baixo em relação à carga horária extensa (Carol-CCS)

O que mais me desanima é o curto tempo do contrato (Emilly-CCS)

Mesmo com as agruras, os iniciantes não demonstram se abater. Nenhum dos sujeitos pesquisados indicou o não desejo de permanecer na carreira docente. Ao contrário, se sentem motivados a lutar pela estabilidade e almejam o "status" oferecido pela docência universitária. A seguir, apresentamos suas expectativas para com a profissão.

5.4. Perspectivas em relação à carreira docente

Nesta categoria, destacamos um consenso: todos os entrevistados pretendem permanecer no exercício docente. O grupo que atua em variados centros e possui diferentes titulações deseja por unanimidade continuar professor. A possibilidade de prestar concurso para cargos efetivos de docência em universidades públicas aparece como um consenso entre os sujeitos. Os docentes manifestam interesse em trabalhar com pesquisa (orientar PIBIC), trabalhar em laboratório e extensão. Como temporários, em geral, estão restritos às atividades de ensino.

Ficou expresso em suas falas o desejo de concluir os cursos de mestrado e de doutorado com vistas a estarem aptos a prestar concursos para o cargo de professor efetivo na universidade. Nas falas, mencionaram o desejo de orientar projetos, contribuir para debates acadêmicos e formação de novos profissionais.

[...] quero ficar como efetiva. Pesquisa me atrai muito. Eu tenho muita vontade de poder orientar projetos de PIBIC ensinar novas coisas de laboratório então eu vou poder trabalhar com conhecimento de diversas áreas trabalhando no ensino, pesquisa e extensão. (Maria-CCS)

Meu principal objetivo é me tornar um professor efetivo não, exclusivamente, da UFPE, mas de qualquer instituição superior pública. (Júlio-CE)

[...] sou doutorando aqui da universidade e fui aprovado como efetivo no concurso da IFPB. Então, minha perspectiva é continuar na carreira acadêmica terminar o doutorado e investir em pesquisa (Henrique-CTG)

Eu espero prestar concurso para professora efetiva na minha área continuar no ambiente acadêmico (Manuela-CFCH)

Minhas perspectivas são entrar no concurso pra ser professora efetiva da universidade federal ou estadual ou UFPE se possível lugares onde eu possa trabalhar com ensino pesquisa e extensão. (Licia-CFCH)

[...] no momento eu estou terminando o mestrado pretendo concluir, pretendo ingressar no doutorado, caso aprovado vou continuar estudando pretendo ficar de olho nos concursos nas áreas de educação e de linguística [...] Então... Eu pretendo continuar nesse foco do ensino superior. Pretendo me qualificar e continuar com boas perspectivas para exercer a docência, ficar de olho em concursos públicos pra ser efetivado. (Ricardo-CAC)

Eu pretendo seguir a carreira docente, me satisfaz bastante. Quero ir em busca sempre de pesquisa, construir conhecimento, continuar na área e prestar concurso para efetivo. (Laryssa-CE)

Nessa categoria, salientamos que constitui um consenso entre todos os sujeitos o desejo de permanecer na profissão. No entanto, nesse consenso visualizamos pequenas variações. Embora haja essa vontade de continuar trabalhando no ensino superior, alguns sujeitos sinalizaram como objetivo ser professor da própria UFPE, outros desejam ingressar em qualquer instituição pública. Os depoimentos, a seguir, revelam aqueles que desejam atuar em qualquer instituição pública:

Minhas perspectivas são entrar no concurso pra ser professora efetiva da universidade federal ou estadual ou UFPE se possível lugares onde eu possa trabalhar com ensino pesquisa e extensão gosto muito da docência mas também sou apaixonada por pesquisa e extensão. (Licia CFCH)

[...] eu planejo terminar minha formação... tô começando doutorado agora planejo terminar essa formação e conseguir um dia me tornar professora efetiva de uma instituição federal essa ou outra instituição federal do país seguir carreira acadêmica desenvolver pesquisa e docência. (Gisele -CAC)

Concluir doutorado e aguardar o governo federal liberar algum concurso para professor efetivo [...] para atuar em outra instituição se não for aqui mas, a prioridade é continuar crescendo. (Roberta- CE)

Meu principal objetivo é se tornar um professor efetivo não exclusivamente da Universidade Federal de Pernambuco, mas de qualquer instituição superior pública. (Julio-CE)

Eu penso em prestar concurso para efetivo a articulação entre ensino pesquisa e extensão é muito rica e independente de ser aqui na UFPE ou em outra instituição pública. (Joana- CE)

Outro dissenso foi a possibilidade mais próxima ou distante de acesso ao cargo de professor efetivo. Para aqueles que eram estudantes de doutorado, pareceu mais próxima a chance de chegar a ser efetivo do magistério superior. Já os docentes que estavam em níveis menos elevados de formação, o especialista e os mestrados, expressaram desejo em prosseguir com a formação acadêmica para posteriormente virem a ser efetivos na docência. Declararam:

[...] terminar o mestrado, ingressar no doutorado e seguir ensinando. (Nicolas-CCB)

[...] no momento eu estou terminando o mestrado, pretendo concluir, pretendo ingressar no doutorado. Caso aprovado, vou continuar estudando pretendo ficar de olho nos concursos [...] eu pretendo continuar nesse foco do ensino superior, pretendo me qualificar e continuar com boas perspectivas para exercer a docência ficar de olho em concursos públicos pra ser efetivado. (Ricardo CAC Curso de Letras)

Então eu pretendo fazer o mestrado, eu passei no mestrado na Paraíba, mas devido à distância a correria da vida acabei não ficando. Mas eu pretendo fazer mestrado nem que seja um profissional para ter uma maior

inserção no acadêmico realmente só posso atuar mais com mestrado.
(Ellen-CCSA)

Em suma, há uma representação positiva em relação a ser professor do ensino superior e todos querem permanecer na docência. Por outro lado, encontramos aspectos negativos. Foram mencionados a carga horária alta na jornada de trabalho enfrentada pelos substitutos, a tarefa de conciliar a formação (mestrado e doutorado) com a docência, dificuldades de infraestrutura. Identificamos ainda que os docentes vinculados ao CCS demonstraram insatisfação com o baixo salário.

Convém salientar que as agruras não impedem o reconhecimento de delícias na docência, ou face positiva da profissão. Entre as delícias da docência destacamos a troca de conhecimentos, a aprendizagem participação e o crescimento do aluno, além da troca de experiência entre pares e professores mais experientes.

O trabalho docente na UFPE está colaborando para o crescimento desse grupo. Em linhas gerais, nossa investigação acadêmica com esses professores revela um consenso em relação ao acolhimento desses docentes pela instituição. Esse resultado contrasta com os resultados do estudo de Araújo (2005) sobre os saberes docentes dos professores universitários em início de carreira. A referida pesquisa mostrou que os iniciantes desenvolvem suas atividades de forma individual e solitária, indicando que esses saberes são construídos num contexto de isolamento.

Também, os achados de Freire e Fernandez (2015) se distanciam dos apresentados nesta pesquisa. As autoras indicaram uma relação de dominação professores mais experientes em relação aos novatos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Instigadas a pesquisar o que circula nos universos consensuais dos professores sobre a profissão docente, realizamos um longo percurso pelos Centros acadêmicos da UFPE, para localizar professores em início de carreira, no intuito de compreender suas representações sociais da profissão docente.

Considerando a perspectiva teórica adotada nessa pesquisa, identificamos o consenso, bem como algumas variações em torno do ser professor profissão entre profissionais iniciantes da UFPE.

Os resultados aqui apresentados apontam para uma representação social positiva da profissão docente que requer produzir conhecimentos, ser mediador entre o conhecimento que ensina e os estudantes, estar sempre estudando e buscando novos conhecimentos, além de contribuir para formar profissionais cidadãos.

Ao longo da pesquisa, foram explicitados elementos que constituem a representação da profissão docente. Foram salientados aspectos positivos e negativos que marcam o trabalho docente na UFPE, bem como expectativas na carreira. Sobre as tarefas que desenvolvem, os docentes destacaram acolhimento e apoio por parte dos professores mais experientes e dos próprios orientadores, além de salientarem as trocas de experiências entre colegas que também estão na função de substitutos.

No tocante às delícias da profissão, mencionaram a realização e gosto para com a aprendizagem dos alunos, seu interesse e participação. Como aspectos negativos destacaram desinteresse dos alunos, excesso de trabalho, dificuldades para conciliar estudos de mestrado e doutorado e dificuldades de infraestrutura da UFPE. As agruras não impedem o reconhecimento das delícias da profissão, bem como o desejo de nela permanecerem.

Podemos afirmar que a aproximação com abordagem societal favoreceu a compreensão da dinâmica das representações sociais, ou seja, de que elas são construídas pelos sujeitos no interior dos grupos.

A realização desta pesquisa gerou outros questionamentos investigativos, a saber: estariam os docentes iniciantes, vinculados em instituições de ensino superior privadas, construindo representações tão positivas em relação à docência? Será que os professores efetivos, em início de carreira na UFPE, possuem representações sociais tão positivas e otimistas em relação à docência? Deixamos estas perguntas abertas a investigações futuras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. O. A Abordagem Societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, set/dez.2009 v.24,n3,p713-737.

ARAUJO, K.C.L.C. **Os saberes docentes dos professores iniciantes do ensino superior: um estudo na Universidade Federal de Pernambuco**. Dissertação Mestrado em Educação. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

CAMPOS, V.T.N. Docência no ensino superior brasileiro: representações de pós graduandos de instituições federais de ensino superior. 2011. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> acesso em : 01/06/2015.

COELHO,E.A.D. **Docência no Ensino Superior Brasileiro : dilemas e desafios do professor iniciante**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Universidade Estadual de Londrina. Londrina,2009.

CORSI,A.M. Professoras iniciantes: situações difíceis enfrentadas no início da prática docente no ensino fundamental. 2005. Disponível em:<<http://www.anped.org.br>>acesso em: 06/06/2015.

CUNHA. **Ocampo de iniciação à docência universitária como desafio**. 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> acesso em: 04/06/2015.

DOISE,W. Da Psicologia Social a Societal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. 2002. v 18,nº1, p.27-35.

DUARTE,J. "Entrevista em profundidade".In: BARROS,A. e DUARTE,J (Orgs). **Método e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas,2005.

ESPÍNDOLA,E.B.M. **Profissionalidade docente: um estudo sobre as representações sociaisde competência para ensinar matemática de professores brasileiros e franceses**. 2010. Tese (doutorado em Educação)- Centro de Educação, UFPE, Recife,2014.

FABRIS, S.A.**Saberes de professores tutores iniciantes: a educação a distância no Ensino Superior de uma instituição provada de Santa Catarina em análise**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação)- URB-SC 2012.

FREIRE,L.I.F,FERNANDEZ,C. O professor universitário novato: tensões,dilemas e aprendizados no início da carreira docente.**Revista Ciência e Educação**.Bauru, 2015. v.21, p.255-272.

HUBERMAN, Michael. "O ciclo de vida profissional dos professores". In : NÓVOA, A Antônio (Org). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed, 1995. p. 31-61.

ISAIA, S.M.A;MACIEL,A.M.R; BOLZAN,D.P.V.Educação Superior: a entrada na docência universitária.2010.Disponível em:<<http://www.anped.org.br>> acesso em: 04/06/2015.

LIMA,Emilia Freitas (Org). **Sobrevivências no início da docência**.Brasília.Líber livro editora, 2006.

MARIANO,AndréLuis Sena. **Aprendendo a ser professor no início da carreira**. 2005. Disponível em : www.anped.or.br. Acesso em: 02junho 2015.

MARIANO, André Luis Sena. A pesquisa sobre o professor iniciante e o processo de aprendizagem profissional: algumas características. 2005. Disponível em: www.anped.or.br. Acesso em: 01 junho 2015.

MINAYO. M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo. Ed. Abrasco-Hucitec, 1994.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. tradução: Alvaro Cabral . Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

NONO, M.A; MIZUKAMI, M. da. G.N. Processos de formação de professoras iniciantes. 2006. Disponível em: <[http: www.anped.or.br](http://www.anped.or.br)> acesso em: 02/06/ 2015.

ROLDÃO, M. Profissionalidade docente em análise: especificidades do ensino superior e não superior. **Nuances: estudos sobre educação**, jan/dez 2005. ano 11, n.12, p.105-126.

SANTOS, F.K.S. **Entre ser e tornar-se professor do ensino superior : os limites e as possibilidades da racionalidade pedagógica**. 2012. Disponível em: :<[http: www.anped.or.br](http://www.anped.or.br)> acesso em: 02/06/2015.

TARDIF, M. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WEBER, Silke. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. **Educ. Soc**, Campinas, dezembro 2003, vol.24, n.85, p. 1125-1154.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES INICIANTE UFPE

- 1) Para você o que significa ser professor hoje?
- 2) Fale sobre o trabalho docente na UFPE destacando como se sente na instituição
- 3) Como você se prepara /organiza para desenvolver seu trabalho com a turma? Encontrou aqui algum apoio para o desenvolvimento da docência? Justifique sua resposta.
- 4) O que te dá satisfação como docente iniciante?
- 5) O que tem te desanimado no exercício da docência ?
- 6) Quais as suas perspectivas para a carreira docente?

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS:

PROFESSOR (A) _____

Idade: _____

Formação acadêmica (ano/instituição): _____

Titulação: _____

Tempo de profissão : _____

Centro que está vinculado: _____

Disciplinas que leciona: _____